



4 em 10 PMs se sentem inseguros em favelas 'pacificadas' do Rio

CARINA BACELAR - O ESTADO DE S. PAULO
10 Outubro 2015 | 00h 01

Pesquisa ouviu policiais de UPPs e traçou cenário preocupante sobre a principal estratégia de segurança do Estado

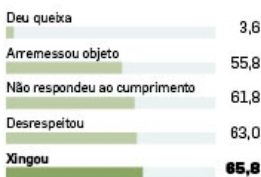
RIO - Montadas como primeiro passo de um projeto de policiamento comunitário, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) atravessam uma crise que tem levado os policiais militares que nelas trabalham a relatar hostilidade e raiva por parte dos moradores das favelas. É o que revela pesquisa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) aplicada em 2014 com cabos e soldados de 36 UPPs. Ao todo, 60,1% dos agentes admitiram ser alvo de sentimentos negativos dirigidos a eles pela população. É o maior índice das três aplicações da pesquisa (em 2010 foram 28%; em 2012, 46,1%). Já 42,4% dos PMs se sentem inseguros nas favelas "pacificadas".

Neste panorama, 65,8% dos policiais contaram que foram xingados no trabalho nos três meses que antecederam a pesquisa. Já 63% foram desrespeitados no período. O relatório da CESeC, divulgado neste sábado, 10, detecta ainda que 35,5% dos policiais de UPPs estão insatisfeitos com o ofício. Destes, 90% gostariam de atuar em um batalhão convencional ou em uma unidade especial do Comando de Operações Especiais (COE). Os dados apontam para uma aproximação entre as rotinas das UPPs e dos batalhões convencionais, que não adotam práticas de policiamento comunitário, dizem especialistas.

UPP

EM PORCENTAGEM

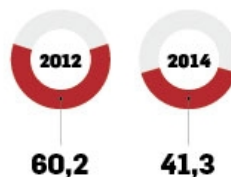
Morador fez alguma dessas coisas contra você (policial)?



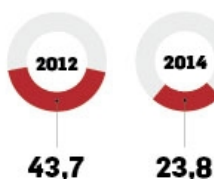
Ocorrências mais frequentes nas UPPs, segundo policiais:



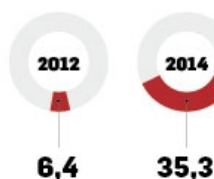
Policiais com avaliação positiva das UPPs



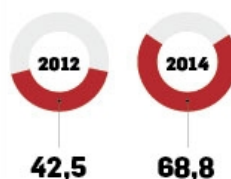
Policiais com percepção de sentimentos positivos dos moradores



Policiais que consideram porte ilegal de arma muito frequente nas UPPs



Policiais que consideram tráfico de drogas muito frequente nas UPPs



FONTE: CENTRO DE ESTUDOS DE SEGURANÇA E CIDADANIA (CESeC)

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

"Isso mostra uma fragilização da lógica do policiamento de proximidade e a predominância de um tipo de policiamento tradicional dos batalhões", afirmou a cientista social Sílvia Ramos, uma das coordenadoras do CESeC.

Um exemplo disso é que só um quarto (25,8%) dos policiais disse realizar com muita frequência práticas de aproximação com moradores. Já os relatos de abordagem de suspeitos são mais comuns - a atividade foi classificada como muito recorrente por 56% dos entrevistados.

Os problemas sofridos pelos PMs em suas unidades podem estar ligados à falta de treinamento, já que 51,7% deles consideram que a instrução recebida na corporação não os preparou para trabalhar na UPP. Destes, 52% sentem falta de formação prática e conhecimento da realidade das favelas.

"No começo, uma das razões para trabalhar nas UPPs era a segurança. Os comandantes chegaram a andar desarmados. Mas isso ficou mais e mais parecido com trabalhar na polícia convencional. O que parece é que tem policial que gosta dessa ideia de que a UPP se tornou algo convencional. Aquele policial que estava insatisfeito por ser chamado de 'babá de bandido' e de 'porteiro de favela' hoje está performando o estilo do PM tradicional", analisa Silvia.

Para 28,1% dos policiais, a relação negativa com a comunidade é o pior elemento do serviço na UPP. Em segundo lugar, aparecem "condições de trabalho ruins", opção escolhida por 18,5%. A insegurança e os riscos de confronto, em terceiro lugar, foram a resposta de R\$ 17,6% dos entrevistados. Oito policiais militares de UPPs já morreram em serviço este ano. Na média, uma morte a cada 35 dias. Foram sete vitimados no ano passado, em 12 meses. Ainda assim, 73% dos entrevistados pretendem ficar na PM até a aposentadoria.

Questionado sobre os resultados da pesquisa, o subsecretário de Educação, Valorização e Prevenção da Secretaria Estadual de Segurança, Pehx Jones da Silveira, ressaltou que ela foi realizada em 2014, quando, segundo ele, havia um "cenário de resistência armada" de traficantes em algumas UPPs. "O sentimento de insegurança declarado pelos entrevistados, em 2014, tem a ver com esse processo." Silveira afirmou ainda que o policiamento de proximidade "não se perdeu", mas é adaptado ao "momento emocional de cada comunidade".

"Se há elementos transitando com armas de fogo, impondo o medo, hostilizando os cidadãos e a própria polícia, exige uma modalidade de policiamento adequada ao nível de hostilidade", argumenta. Sobre a hostilidade dos moradores contra policiais, o subsecretário defendeu ser "natural" o estranhamento por causa da presença inédita da PM nas comunidades. "Estamos investindo em técnicas de relacionamento com o público e de administração de conflitos", disse.



Samsung Galaxy E5 SM-E500M Desbloqueado

A PARTIR DE:
10 x R\$ 81,90



Teac AG-790A 2.0

A PARTIR DE:
à vista R\$ 3.799,00



Grill/Sandueira Britânia Crome 5

A PARTIR DE:
à vista R\$ 59,90



Intech Machine Turbo Jet

A PARTIR DE:
6 x R\$ 42,61



Vicini EPV-862 Pressão 4L

A PARTIR DE:
3 x R\$ 65,97